



PODER / Indicação do AGU a uma vaga na Corte é rejeitada, num resultado histórico, que não acontecia havia 132 anos. Placar de 42 a 34 representa dura derrota para o governo e é uma demonstração de força do Parlamento para o Supremo, com o qual vive em crise

Senado humilha Messias para atingir Lula e STF

» VINICIUS DORIA
» WAL LIMA
» ALÍCIA BERNARDES
» DANANDRA ROCHA

Ed Alves CB/DA Press



Jorge Messias recebe o abraço da mulher após ter o nome rejeitado em plenário: "Lutei o bom combate, como todo cristão. Sei que minha história não acaba aqui"

Os longos aplausos após a aprovação, pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado, do nome do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ocupar uma cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF), deram às lideranças governistas a convicção de que a indicação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva passaria também no plenário da Casa. A sabatina havia transcorrido de forma serena, e o desempenho do AGU diante das perguntas dos senadores foi considerado bom pela base aliada, com elogios ao tom conciliador e aos acenos de diálogo com o Parlamento caso fosse aprovado. Deu tudo errado. E, no fim da votação, o clima era de perplexidade com a primeira rejeição de um indicado pelo presidente da República ao STF na história do Senado.

Por 42 votos contrários e apenas 34 a favor, a indicação de Lula foi rejeitada pelos senadores menos de três horas depois do fim da sabatina, que durou cerca de oito horas. Ao deixar o Senado, Messias falou rapidamente com dezenas de jornalistas que o aguardavam na saída do gabinete da Liderança do Governo na Casa. "Nós sabemos quem provocou tudo isso", disse ele, sem citar nomes. Nem precisava. O artífice da maior derrota do governo Lula 3 no Congresso tem nome e sobrenome: Davi Alcolumbre (UB-AP), presidente do Senado.

Do otimismo pós-sabatina ao anticlímax no plenário, passaram-se algumas horas de muitas articulações, telefonemas, promessas de apoio e algumas traições. À espera da votação definitiva, Messias ficou em uma sala da liderança do governo acompanhado de assessores e recebendo visitas de parlamentares. Na sala ao lado, o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), disparava telefonemas para conferir os apoios que deveriam ser traduzidos em votos. Quando ele deixou o gabinete, a luz amarela já estava acesa: 41 senadores declararam que votariam em Messias, número mínimo necessário para a aprovação.

Nos bastidores, corria a informação de que Alcolumbre entrara de cabeça na campanha contra o nome indicado por Lula, conversando com colegas do Centrão para virar votos favoráveis ao governo. A poucos minutos do início da votação, o senador Humberto Costa (PT-PE) confidenciou: "Estamos preocupados". No cafezinho dos senadores, o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro — que acompanhou o AGU nas visitas aos senadores nos últimos dois dias —, também demonstrava apreensão. "Se Messias for rejeitado, será

uma condenação por um crime que ele não cometeu", metaforizou em uma roda de conversa.

Os partidos de oposição contam com uma bancada de 32 senadores. Após a ofensiva de Alcolumbre, uma dezena de votos a mais decretou a histórica derrota governista. No périplo que fez nos gabinetes à caça de votos aos longo das últimas semanas, Messias foi recebido por 78 dos 81 senadores. Alcolumbre foi um dos três que não quiseram conversar oficialmente com ele. Os dois apenas se encontraram uma vez, em Brasília, fora da agenda do presidente do Senado. E, segundo interlocutores, foi uma conversa rápida, sem nenhum compromisso assumido por parte do senador do Amapá.

Na votação definitiva, as traições, segundo parlamentares ouvidos pela reportagem, vieram, principalmente, do PSD e do MDB. O líder do MDB no Senado, Eduardo Braga (AM), ficou visivelmente contrariado com o resultado. Ele passou o dia conversando com os colegas e, assim como Renan Calheiros (MDB-AL), estava convicto de que Messias teria o apoio maciço dos nove integrantes da bancada. Não teve. "O resultado do painel é soberano, eu não faço

Carlos Moura/Agência Senado



Parlamentares da oposição festejam o fracasso da indicação ao STF



Passei por cinco meses de um processo de desconstrução da minha imagem. Toda sorte de mentira para me desconstruir ocorreu. Nós sabemos quem promoveu tudo isso"

Jorge Messias, advogado-geral da União

interpretação de resultado de eleição. Eleição a gente respeita, ponto", disse Braga ao **Correio**.

"O Senado desaprovou o nome de Messias. Cabe, agora, ao Senado explicar as razões dessa desaprovação, e, a nós, evidentemente, aceitarmos (o resultado) com a maior serenidade possível", declarou o ministro das Relações Institucionais, José Guimarães, ao deixar o Congresso, acompanhando do AGU.

"Lutei o bom combate, como todo cristão. E preciso aceitar o plano de Deus na minha vida, mas sei que minha história não acaba aqui", disse Messias. Ele e Guimarães seguiram depois para o Palácio da Alvorada, onde Lula o aguardava.

A rejeição do nome de Messias para o STF ocorreu após uma sabatina que durou cerca de oito horas na CCJ e que culminou com a aprovação do indicado de Lula por 16 votos a 11.

A derrota governista tem forte peso simbólico e institucional. A última vez que o Senado havia barrado um indicado ao STF foi em 1894, no governo de Floriano Peixoto. Ao longo da história republicana, apenas cinco nomes haviam sido recusados, o que torna o episódio atual

excepcional no funcionamento das relações entre os Poderes.

Indicado por Lula em novembro do ano passado, Messias enfrentou um processo marcado por atrasos e tensões políticas. A formalização oficial do nome só se deu em abril, após meses de negociações. Nos bastidores, divergências com lideranças do Senado e, principalmente, com Alcolumbre — que preferia a indicação de seu antecessor, senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) — contribuíram para o desgaste de Messias e a demora no andamento da indicação.

Com a rejeição, caberá novamente ao presidente apresentar um novo nome ao Senado, reiniciando o processo de avaliação e votação para a vaga aberta com a aposentadoria do ministro Luís Roberto Barroso.

"O presidente Lula, lá atrás, havia me dito que não mandaria outro nome caso isso (a derrota) acontecesse. Então, não vamos discutir nomes. Vamos discutir que impuseram uma derrota a uma pessoa que nada tinha a ver com o processo eleitoral. Cometeram uma injustiça enorme com o Messias", comentou o senador Weverton Rocha (PDT-MA).

Tentativa de construir pontes em longa sabatina

Antes de ver seu nome rejeitado pelo plenário do Senado, o advogado-geral da União, Jorge Messias, enfrentou uma sabatina de cerca de oito horas na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde acabou sendo aprovado por 16 votos a 11.

No colegiado, Messias buscou construir pontes com os parlamentares e adotou um discurso voltado à defesa da Constituição, da separação entre os Poderes e da harmonia

institucional. Também sinalizou apoio a mudanças no funcionamento do Judiciário, como a limitação de decisões monocráticas, e criticou a duração excessiva de investigações, afirmando que processos devem ter "começo, meio e fim".

O AGU ainda abordou temas sensíveis, como aborto, ativismo judicial e os atos de 8 de janeiro de 2023. Declarou ser pessoalmente contrário a interrupção proposital da gravidez. "Quero

dizer com muita objetividade e deixar claro este tema para toda a nação brasileira. Sou totalmente contra o aborto. Absolutamente. Aborto é crime. Nenhuma prática pode ser comemorada ou celebrada. Essa é minha convicção pessoal filosófica e cristã", declarou Messias, que é evangélico. Ele ressaltou, no entanto, as exceções previstas em lei, como em casos de risco de vida para a gestante, gravidez resultante de estupro e

fetos com anencefalia. Ele também classificou os ataques às sedes dos Três Poderes como um dos episódios mais tristes da história recente do país. E evitou se posicionar sobre anistia aos golpistas. "A discussão acerca de anistia é própria do ambiente político institucional. A definição cabe aos senhores, e não a mim na condição de operador do direito", desviou. Messias também defendeu que o STF não deve atuar como

uma "terceira Casa legislativa", reforçando a necessidade de limites institucionais. "A política tem sido levada a uma espécie de terceiro turno e tensionada na perspectiva de transformar o STF em uma terceira Casa legislativa. Não concordo com essa visão. O STF não deve ser o Procon da política, não é esse o seu espaço", declarou, ao defender limites mais claros entre as atribuições dos Poderes. **(AB e DR)**

» "Ele vai perder por oito"

Antes do resultado da votação, o presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), antecipou com precisão o placar final. Logo após o parlamentar declarar encerrada a votação, o líder do governo na Casa, Jaques Wagner (PT-BA), aproximou-se de Alcolumbre. E ouviu dele: "Acho que ele vai perder por 8". A fala foi captada pela TV Senado.